

Freud e Fliess: OS PARCEIROS

Após cada um de nossos congressos, fico fortalecido de novo durante semanas, novas idéias avançam, o prazer no trabalho árduo é restaurado e a vibrante esperança de encontrar o próprio caminho através da selva arde por um instante firme e brilhantemente. O período de abstinência nada me ensina, pois eu sempre soube o que nossos encontros significam para mim. (Freud a Fliess: 03-04-1898)

Os dois eram psiquiatras judeus e tinham de bater-se pela sobrevivência na condição de "médicos dos nervos". Viam-se na conta de monomaníacos por seus colegas de classe. (Gay: 1989: 68). Cheiravam cocaína e a levavam para a clínica, onde prescreviam seu uso ao nariz. (Jones: 1989: 1: 294) Andavam preocupados com o erotismo infantil. Concebiam a ocorrência de um *lado feminino* e outro, *masculino* ao mesmo tempo, em todos os humanos. Defendiam a *bissexualidade* assim na teoria como na prática, onde buscavam a "cura", pela satisfação dos desejos. (Jones: 1989: 1: 295)

Conheceram-se em Viena por recomendação de Breuer, em novembro de 1887, um ano após aquele entreveio freudiano de outubro de 1886. Logo descobriram suas afinidades afetivas ou ideológicas e passaram a misturar tudo que tinham em comum. O tratamento, na correspondência,

evoluiu do cerimonioso "Prezado amigo e colega" até o "Querido amigo" e outras intimidades, do gênero. (Gay: 1989: 72) O dito "*lado feminino*" de Freud explodiu com todas as forças; e suas cartas para o chamado "*Outro de Berlim*", vieram lembrar os tempos românticos de paixão pela "*noiva secreta*", no decênio anterior: "*Pessoas como você não deveriam morrer, meu caro amigo; nós outros precisamos muito dos iguais a você. O quanto tenho de lhe agradecer pelo consolo, compreensão e estímulo em minha solidão, pelo significado da vida que você me deu e por fim pela saúde que ninguém mais poderia ter-me dado de volta.!*" (Jones: 1989: I: 302/3)

Costumavam encontrar-se "com muita freqüência em Viena e ocasionalmente em Berlim". (Jones:1989:1:304) Mas, na década de 1890, realizaram encontros de dois ou três dias, a que designavam por "congressos", em locais especialmente escolhidos. — Ernest Jones levantou todas as datas dos tais eventos somente a dois, destacando a importância deles para seu biografado e comensal:

"É compreensível que tais encontros desempenhassem papel central na vida intelectual de Freud, que fora disso era isolada. Eram oásis no deserto da solidão. Como disse ele em carta: "Quando há duas pessoas das quais uma pode dizer o que a vida é, à outra (quase) o que a alma é, nada mais justo que se vejam e conversem com freqüência." (22 de dezembro de 1897.) "Mas certamente *havia mais do que estímulo intelectual em questão.*" (Jones:1989:1:305)

Freud esperava ansiosamente cada uma das entradas naqueles "oásis" e, depois delas, não se cansava de louvá-las em suas cartas, celebrando tanto o parceiro quanto os efeitos benéficos de que usufruía... Em 1897, dez anos que já se relacionavam, ele saudava com o mesmo entusiasmo dos começos, a possibilidade de mais uma daquelas "ocasiões": traduzindo-a por "uma adequada realização de desejo, um belo sonho que se tornará real." (Jones: 1989: I: 305) Um ano depois, em abril de 1898,

lamentou profundamente as circunstâncias que impediram a ocorrência de mais um daqueles "congressos". Sua carta fez lembrar *Salomão e a Rainha de Sabá*, no Cântico dos Cânticos:

" *Aquí vivo eu rabugento e nas trevas, até você vir; eu me repreendo, acendo minha luz bruxuleante na sua luz calma, sinto-me bem de novo, e, após sua partida, volto a ter olhos para ver, e o que eu vejo é bom e belo.*" (Gay: 1989: 94)

Àquela altura, porém, a relação dos dois, tão apaixonada da parte de Freud, já estava um tanto perturbada pela disputa quanto à primazia e propriedade na explicação das "neuroses". O filho do Sr. Jacob iria desfrutar de apenas mais três daqueles "congressos", sendo o último deles

no Tirol, em 1900, quando cessariam as relações homossexuais entre os dois, (Jones; 1989: 1; 305) *por decisão do Outro de Berlim*. (Jones: 1989:1: 317) A Senhora Fliess que se ardia em ciúmeiras, valeu-se da ajuda de Breuer, somando seu esforço aos outros complicadores, e por fim foi à forra, segundo Jones.

"Nos primeiros tempos, Freud e sua mulher tinham tido grande apreço pela Sra. Fliess, mas com o passar dos anos ela se tornou cada vez mais ciumenta das estreitas relações entre os dois homens, tendo feito o que pode (...) para afastá-los. (...) *Por fim, Freud a definiu como uma "mulher má", mas ela sem dúvida tinha seu próprio ponto de vista*. De qualquer modo, seu último golpe foi bastante perspicaz." (Jones: 1989: 1: 292)

Quando "terminaram", os dois entraram num acordo para a destruição da correspondência que haviam trocado entre si. Freud cumpriu sua parte, mas seu parceiro falhou no trato. Em 1928, certo tempo após a morte de seu marido, a Senhora Fliess vendeu tudo a Reinhold Sthal, um livreiro de Berlim. Este, por sua vez, negociou as 284 cartas e seus anexos com Marie Bonaparte, princesa da Grécia e da Dinamarca, que fazia "análise a nível de pós-graduação com Freud". (Jones: 1989: 1: 293) Ela depositou dito material no Banco Rothschild de Viena, entre 1937-1938. Depois, conseguiu transportá-lo a Paris e, finalmente, — em 1941 tudo passou aos "Freud Archives", em Londres.

Mais tarde, Ernst Kris, Diretor dos Arquivos; Srta. Anna Freud, filha do signatário, com Marie Bonaparte providenciaram uma edição censurada das tais cartas. Passaram "um pente fino" e se justificaram dizendo que haviam omitido apenas alguns pormenores irrelevantes para a compreensão das raízes do "Movimento Psicanalítico", — que poderiam confundir os leitores. — Depois, Ernest Jones atestou em favor deles que

"As cartas e passagens omitidas na publicação, as quais este autor também leu, referem-se a detalhes sem interesse da organização de reuniões, a notícias sobre a saúde de vários parentes e pacientes, a alguns detalhes dos esforços que Freud fez para acompanhar a "lei dos períodos" de Fliess e a várias observações sobre Breuer..." (Jones: 1989:1:293)

A censura, com efeito, não se estendeu na direção de esconder o homossexualismo de Freud, sua relação amorosa com Fliess. Aquilo que passou pelos filtros de Ernest Jones e Peter Gay, nas suas transcrições autorizadas de trechos da correspondência, restou rico em detalhes. Literalmente, escancararam os "*segredos de alcova de Freud e Fliess*."

Em toda a história da Ciência, jamais uma teoria precisara da idoneidade moral do seu investigador para se sustentar. Isto sempre se

resolvera com recurso à objetividade transcendente do fenômeno pesquisado, por razões de princípio basilar. A função precípua da metodologia científica sempre consistira em garantir que as elaborações teóricas não contivessem nada além do que procedesse estritamente do objeto de verificações ou constatações, ao qual concernissem.

Caso o episódio, por exemplo, dissesse respeito à vida sexual de Einstein, não se modificaria a Teoria da Relatividade numa só das suas vírgulas. — Mas, os herdeiros como os historiadores e biógrafos ou comensais de Freud empenharam-se numa “*operação de salvação*” da “*doutrina psicanalítica*”. Optaram pela perda dos anéis em favor dos dedos, com Ernest Jones indo aos baús:

A família de Freud compreensivamente, respeitou seu desejo de privacidade e de fato compartilhou-o. Protegeu-o com frequência, de um público meramente curioso. Posteriormente a atitude da família foi alterada pelas notícias das várias falsas histórias inventadas por pessoas que nunca o tinham conhecido, histórias que aos poucos se estavam acumulando, de modo a constituir uma lenda mentirosa. Ela então decidiu dar-me seu apoio irrestrito em meu empenho de apresentar um relato da vida de Freud tão verdadeiro quanto estivesse ao meu alcance” (Jones:1989:1:11)

O propósito fundamental estava em manter a aparência de que a “racionalidade psicanalítica” se sustentaria independente da vida pessoal do seu formulador, tanto quanto qualquer outra teoria científica. Ao preparar a introdução para “Le Scénario Freud”, de Jean-Paul Sartre, conhecido entre nós por “Freud Além da Alma”; referindo-se expressamente tanto à publicação das cartas quanto à obra de Ernest Jones, J.B. Pontalis esclareceu isso:

“Até então, ignorava-se quase tudo da pessoa e da história de Freud, como ele mesmo, muito cedo, o desejara, querendo, dizia ele numa mistura de ironia e de orgulho, “tornar árduo o trabalho dos seus biógrafos futuros”, querendo sobretudo, a meu ver, confundir seu destino com o da “causa” psicanalítica. É que ele temia, sem dúvida com razão, que as verdades — consideradas por ele singulares e universais — da ciência que fundara fossem comprometidas, uma vez revelados os determinantes pessoais, familiares e culturais que tinham tornado possível sua descoberta.” (Pontalis:1986:15)

O filho do Sr. Jacob queria vender seu discurso psicanalítico ao mundo, como sendo uma “Teoria Médica” capaz de elucidar a constituição ontológica de todos os humanos e, ao mesmo tempo, uma psicopatologia suficiente para esclarecer e superar as complicações psicológicas de todos os mortais. Mas, não havia descoberta de nenhum singular-universal, sempre imprescindível a pretensões dessa ordem. — *Ele passara a vida*

toda entregue ao desespero de lidar com seus problemas pessoais ou familiares, e tentara esconder isso do público. — A Psicanálise não tinha sustentação científica. Eis o segredo mais importante para o patriarca como para os herdeiros do seu Império.

Não foi somente cortina de fumaça que fizeram, porém. Com a abertura dos baús, entre outras coisas, a propalada cura de Ana O. ficou inteiramente desmentida. Precisaram de outro feito extraordinário para justificar a eficácia terapêutica da Psicanálise e dar partida ao trem. Então, como diria o Padre Lopes de Itaguaí, esticaram a cobra conforme o porrete que pretendiam vender pra matá-la. Ernest Jones começou a narração do chamado “Período Fliess”, em termos marcadamente épicos:

“Chegamos aqui à única experiência realmente extraordinária na vida de Freud. As circunstâncias de sua infância, embora sem dúvida psicologicamente importantes, foram em si mesmas simplesmente incomuns, mas não extraordinárias. Para um homem já quase de meia-idade, bem casado e com seis filhos, nutrir uma amizade apaixonada por alguém intelectualmente inferior e durante anos subordinar seu juízo e opiniões aos desse outro homem — isso também é incomum, embora não inteiramente estranho. Mas, *esse homem se libertar seguindo um caminho jamais trilhado por qualquer ser humano, explorando, em uma tarefa heróica, sua própria mente inconsciente — isso é extraordinário no mais alto grau.*” (Jones: 1989:1:292)

No capítulo subsequente, — o mesmo Jones narrou o dito ato heróico de Freud: proclamando um extraordinário resultado terapêutico inexistente. — Garantiu ao mundo que o filho do Sr. Jacob teria sido vítima de uma “perversão”, determinante de sua incontrolável paixão homossexual por Fliess. Explicou tratar-se de uma patologia, transitória no caso. Sustentou que ela foi plenamente superada pela descoberta freudiana de um seu **“desejo mais profundo de romper para sempre com ele (Fliess). E esse foi realmente o final.”** (Jones:1989:1:329)

Descartadas então sumariamente todas as outras variáveis que intervieram na ruptura dos dois amantes, registradas ainda pelo mesmo Jones, — a **Auto-análise freudiana**, por seus ditos desdobramentos, destacou-se como vindo a ser o extraordinário **ato-fundador da Psicanálise**. (Gay:1989:103) — Dali por diante, esta última esclareceria as “neuroses” a título de ciência médica e nortearia a cura delas mediante interpretação dos sonhos, com recurso à técnica da “associação livre”. (Gay:1989:104) Tudo porque o filho do Sr. Jacob teria encontrado em si mesmo tanto a teoria quanto a prática, encarnando literalmente Dr. Simão Bacamarte.

“ ... a aventura de Freud se converteu na menina dos olhos da mitologia psicanalítica. Freud, dizem os analistas, empreendeu uma auto-análise que iniciou em algum momento da metade dos anos 1890, e empenhou-se sistematicamente nela a partir do final da primavera ou do início do verão de 1897; esse gesto de paciente heroísmo, a ser admirado e palidamente imitado, é o ato-fundador da psicanálise.” (Gay:1989:103)

O homem foi posto na figura triunfante de Ulisses ao retorno da viagem por seus mares tempestuosos, para anunciar ao mundo que conseguira em si próprio o benefício da primeira cura, consubstanciado na superação de sua paixão por Fliess e, por conseguinte, do seu homossexualismo. Mas, infelizmente, era apenas uma versão comercial, visando interesses de livre-mercado: solo único em que a Psicanálise firmou seus alicerces e garantiu sua sobrevivência. (Szasz: 1994:235)

A recuperação de Freud, pela dita *Auto-Análise*, fôra tão verdadeira quanto os milagres do curandeirismo de Mesmer, com o magnetismo animal; quanto a cura de Ana O., com o tratamento de Breuer; quanto as descobertas dos mecanismos inconscientes por Charcot, com o teatro de hipnotismo; quanto as propriedades terapêuticas da cocaína, proclamadas pelo mesmo Sigmund Freud em 1885, no seu “Uber Coca”.

Ernest Jones providenciou o relato do período Fliess errando nos cálculos e se contradizendo todo, para poder falar *de um homem já quase de meia-idade, bem casado e com seis filhos*. Se Sigmund nascera às 18:30 horas, do dia 6 de maio de 1856, (Jones:1989:1:15) em 1887, quando começou sua relação com Fliess (Jones:1989:1: 292), contava menos de 31 anos de idade; havia somente um ano do seu casamento com Martha, ocorrido aos 16-09-1886 na prefeitura de Wandsbeck; (Jones:1989:1:160) — e se encontrava na situação de pai exclusivamente da sua primeira filha: nascida em 16-10-1887. (Jones:1989:1:161). — Aliás, em 28 de janeiro de 1952, ele foi alertado por Anna Freud quanto a seu “erro de cálculo”, numa carta que Moussaieff Masson analisou no “Jones Archives do London Institute of Psycho-Analysis”. A Srta. salientava que

“Quando a amizade começou meu pai não tinha ainda trinta e hum anos, o que é ainda longe da meia-idade, e não tinha seis filhos, mas apenas um.” (Masson:1984:194)

Estávamos ainda a um ano para a edição americana de “The life and work of Sigmund Freud”, acontecida em 1953; mas não se verificou qualquer correção. Também quatro décadas depois, a edição brasileira, de 1989, veio sem nenhuma modificação quanto ao tal “detalhe”, igualmente. Descartou-se a possibilidade de o biógrafo oficial preferir preocupar-se

apenas com o período em que o envolvimento afetivo aflorou entre os dois homens, quando ele mesmo relatou que *“Poucos meses depois (29 de agosto) Freud enviou-lhe uma fotografia sua, que havia sido pedida por Fliess.”* (Jones:1989:1:296) E Peter Gay até impressionou-se:

“A amizade de Freud com Fliess amadureceu com grande rapidez, fato um tanto estranho numa época em que a intimidade geralmente tardava a se desenvolver...” (Gay:1989:72)

O aparente erro circunstancial de cálculo correspondia a certa manobra muito bem pensada. A correção desdobraria para reformulações inconvenientes aos propósitos apologéticos do biógrafo. Ela se faria obstáculo para Jones relacionar o homossexualismo de Freud à impotência sexual do mesmo, dada como ocorrida a partir dos quarenta anos. Também a explicação do fenômeno como sendo devido à solidão pessoal e profissional do filho do Sr. Jacob (Jones:1989:1:305) apareceria incompatível com a situação de um homem recém casado, festejando o nascimento da primeira filha. — Por fim, o próprio Dr. Ernest Jones se desdiria expressamente:

“Escreveu a James Strachey (numa carta preservada nos Strachey Archives do London Institute of Psycho-Analysis) em 11 de janeiro de 1954: *“Não concordo inteiramente com o que você diz a respeito de Freud haver se reconciliado gradualmente com a bissexualidade. Penso que foi super-reconciliado com ela, se você compreende o que quero dizer. Jamais se emancipou realmente de Fliess e estava confessadamente lutando com esse problema em 1910 na Sicília. Muito dele foi transmitido então a Adler, a Stekel, a Jung e sobretudo a Ferenczi.”* (Masson:1984:194)

Aí, as festejadas descobertas “científicas” freudianas pela Auto-análise e a cura de sua paixão homossexual graças a ela também, tornou-se objeto do mais autorizado de todos os desmentidos. Veio expressamente de quem os anunciara ao mundo, havia apenas um ano, considerando-se a edição americana de “A Vida e a Obra de Sigmund Freud” (The life and work of Sigmund Freud). Como acontecera com a recuperação de Ana O., desdita por todos eles, foi literalmente para o espaço a versão de que

“Freud, médico e doente, teria quase a contragosto descoberto a Psicanálise, ao mesmo tempo o método e seus objetos, para curar a si mesmo, para resolver os próprios conflitos”. (Pontalis:1986:16)

E não valeu nada o atestado do Dr. Ernest Jones, segundo o qual, as cartas deixadas aos arquivos, por Anna Freud, Bonaparte e Kris, seriam irrelevantes por se restringirem à organização de reuniões, considerações sobre Breuer e ao estado de saúde de algumas pacientes. (Jones 1989:

1: 293) — Quando chegaram à publicação, elas trouxeram uma história que revelou outras raízes sócio-históricas e epistemológicas da Psicanálise. — O drama de *Emma Eckstein, vitimada inclusive por uma aventura cirúrgica dos parceiros*, visto em seus detalhes, deixa tudo muito claro.

Wilhelm ou William Fliess acalentava o sonho de converter a biologia em Numerologia, esclarecendo todos os fenômenos da vida através de números, em que acreditava que as leis naturais se auto-expunham e poderiam ser lidas com segurança absoluta. Partia de duas dezenas chaves: 28, correspondente ao ciclo menstrual da mulher, e 23 que, sendo o intervalo entre duas menstruações femininas, segundo ele, representaria o período menstrual no homem. A partir disso, fazia cálculos de todos os tipos, necessários conforme a situação, até conseguir uma explicação conveniente para qualquer doença. Freud, aqui insuspeito, esclareceu a coisa sem rodeios, numa conversa com Ernest Jones, por volta de 1906: "Perguntei-lhe como Fliess fazia quando um ataque de apendicite ocorria um número irregular de dias depois de um ataque anterior. Freud olhou para mim meio zombeteiramente e disse: *"Isso não incomodaria Fliess. Era um matemático exímio e multiplicando 23 e 28 pela diferença entre os dois e somando ou subtraindo os resultados ou ainda por meio de cálculos aritméticos mais complicados, ele sempre chegaria ao número que desejasse."* (Jones:1989:1:295)

Martin Gardner porém, ao contrário de Freud, desceu aos detalhes na análise dos cálculos fliessianos e constatou que — a convicção lógico-aritmética do berlinense em sua numerologia, era devida ao desconhecimento das propriedades da própria fórmula de que se valia, qual seja: — $x \cdot 23 \pm y \cdot 28$ — onde não havendo qualquer fator comum entre os números utilizados, torna-se possível chegar a todo resultado pretendido, sem distorções, falsificações ou erros de conta. Isso foi considerado por Sulloway (1979:144) e, mais recentemente, retomado por Richard Webster:

"Gardner observa que os dois números inteiros positivos que, como 23 e 28, não têm nenhum fator em comum, podem ser usados nessa fórmula geral para produzir qualquer número positivo desejado. Como a fórmula de Fliess continha todas as respostas possíveis, nenhum problema de periodicidade podia, a priori, deixar de se tornar vítima da força de sua explicação." (Webster: 1999: 208)

Freud, por seu turno entretanto, voltando ao assunto mais tarde, psicologizou tudo com apelo a uma das suas interpretações, para explicar a Marie Bonaparte que seu "amigo" de Berlim, valia-se daquelas conjecturas

buscando escapar ao sentimento de culpa pela morte de sua única irmã. E, como sempre, arrematou muito lógica ou astutamente: — *"se se morre de uma morte cuja data está determinada de antemão, ele podia se sentir absolvido."* (Masson:1984:92) Já psicanalista bem sucedido, remetia-se tacitamente a uma elucubração que Fliess incluía no seu livro *"O Ritmo da Vida"* (*Der Ablauf des Lebens*), publicado em 1906:

"Na tarde de 24 de março de 1899, a irmã de minha mulher, Melaine R., começou a sentir as dores de parto, e seis horas mais tarde sua filha Margareth nasceu. Na mesma tarde começaram as regras de minha mulher e, como ficamos sabendo mais tarde, seriam as suas últimas regras antes de engravidar. Assim uma irmã havia continuado o estado de gravidez da outra. *Isso é mais do que uma simples constante. Por detrás disso encontra-se uma lei da natureza oculta determinando as relações.* Pois se se continua a contar 280 dias a partir de 24 de março, isto é, 10 vezes 28, chega-se a 29 de dezembro, exatamente a mesma data em que, 4 anos antes, meu filho mais velho veio ao mundo (29 de dezembro de 1895). E vinte anos antes, em 29 de dezembro de 1879, minha única irmã, de repente, caiu mortalmente doente com calafrios e morreu trinta horas depois." (Masson:1984:92)

Nada menos exato do que "2 + 2 = 4", tudo confirmando os esclarecimentos de Gardner e, ao mesmo tempo, muito apropriado para um descarte pelo absurdo ou uma psicanalisada freudiana. Apenas ficou estranho que o filho do Sr. Jacob, tão íntimo do berlinense, não estivesse informado de que ele chegara àquela crença em que leis naturais ocultas governariam os acontecimentos e suas relações, materiais ou humanas, a partir de ocorrências de ordens clínica e empíricas. Ainda mais que o fenômeno envolvia uso de cocaína ao nariz, coisa muito familiar a Freud desde os idos de 1885, com a edição do seu desastroso "Uber Coca" e as tantas repercussões sabidas. Sem considerar que ele mesmo se submetia aos tratamentos do parceiro, inclusive cauterizações, "e talvez alguma cirurgia do corneto nasal". (Webster:1999:209)

Fliess anestesiava a mucosa nasal de suas pacientes com a "substância mágica freudiana" (Jones:1989:1:294) e constatava o desaparecimento de sintomas característicos da dismenorréia ou menstruação dolorosa, bem como, alguns outros. Havendo verificado isso em 130 casos, concebeu ter descoberto aquilo a que designou por "Neurose de Reflexo Nasal," e anunciou seu feito numa monografia de 1893, onde salientava que

"... a chave para a compreensão da nova síndrome era oferecida pelo tratamento dela. — Pois, como os sintomas distantes do nariz, como enxaqueca ou dores no peito, podiam ser aliviados com uma

simples aplicação de cocaína, — concluíam-se haver uma ligação entre esse órgão e várias partes do corpo incluindo-se, no caso do problema menstrual, os órgãos sexuais.” (Webster:1999: 206)

Ele se punha à sombra da descoberta revolucionária dos reflexos do tendão, por R. Westphal em 1875; — mas, faltava com o mínimo de atenção para com as recomendações básicas da metodologia científica, já vigentes em sua época. E. M.Thornton considerou-o laborando em “erro médico” por confundir o nariz com qualquer outra parte do corpo e não se dar conta de que a cocaína agiria diretamente sobre o cérebro. (*Thornton: 1986: 162-4*) E Webster com suas habilidades de crítico literário, a partir disso, valeu-se do exemplo

“... hipotético de um médico inexperiente em farmacologia elementar que descobre poder aliviar a dor de um joelho reumático fazendo o paciente engolir uma aspirina. Se, alheio ao papel do sistema nervoso periférico, ele relacionasse que isso indicava a existência de uma “neurose estomacal reflexiva”, e de uma ligação direta entre as paredes do estômago e o joelho, estaria cometendo o mesmo erro de Fliess.” (Webster: 1999: 207)

Nosso “gênio da psicanálise,” jamais se tocou desse absurdo e considerava que o seu parceiro berlinense descobrira “uma lei biológica fundamental”, hipotecando-lhe solidariedade plena e pública. — Chegou a demitir-se do conselho de editores do *Wiener Klinische Rundschau*, quando este publicou a crítica severa do Dr. Benjamim Ry, a propósito do livro sobre “As Relações entre o Nariz e os Órgãos Sexuais Femininos”: que Fliess lançou em 1897; — e no qual Ry nada conseguiu encontrar que tivesse a ver com Medicina ou Ciência Natural, conforme os conhecimentos da época. (*Webster: 1999: 208*)

Havia galinha no bonde. Aquela cara de zombeteiro quando respondeu sobre os ataques de apendicite a seu comensal ou futuro biógrafo e aquela psicanalisada que o filho do Sr. Jacob providenciou para Marie Bonaparte, a respeito das conjecturas do seu parceiro de Berlim com os números, não eram nem espontâneas nem tão sinceras quanto poderiam parecer. Sua poedeira dos ovos de ouro estaria frita, se fosse flagrada na condição de clone da angolista do berlinense. — Ainda na década de 1950, Ernest Jones seguiu a mesma trilha, ironizando que Fliess *viajava "do nariz às estrelas, como Cyrano de Bergerac!"*, anunciando ao mundo sua descoberta da *"Neurose de Reflexo Nasal."* (Jones:1989:295)

Biografado e biógrafo andaram de mãos dadas por saberem que a diferença entre uma coisa e outra, Numerologia e Psicanálise, era a mesma verificada entre seis ou meia dúzia, por um ponto de vista científico. Mas, não esqueceram de que para a validação social ou acadêmica, — em

prejuízo óbvio da Ciência, — a invenção de um fosso epistemológico entre elas, seria imprescindível. Afinal, o berlinense se expunha ao confronto direto com a anatomia patológica, fazendo por merecer as críticas até a ridicularização; — quem fosse flagrado bebendo da fonte dele não poderia esperar destino diferente.

O *Outro de Berlim*, como Jones designava, se inscrevia na tradição de aventureiros em medicina, que vinha desde longe, passando por Mesmer, Charcot e outros tantos. Prometia grandes êxitos para sua classe de "médicos dos nervos", além de benefícios para a humanidade. Seu discurso de dez páginas ao "Congresso de Medicina Interna de Wiesbaden", em 1893, foi expresso:

"A imensa multidão de "neurastênicos" que correm de médico para médico, e de balneário para balneário, sem êxito, e que, caindo nas mãos de charlatães, zombam da nossa arte, diminuirá. Pois uma grande proporção dos chamados neurastênicos não são mais do que pessoas que sofrem de neurose de reflexo [nasal]". (Masson:1984:73)

Nessa empolgação cuidou de por em prática sua teoria, num pleno acordo ou conjunto com Freud. Aprimorando suas idéias, deduziu que a cura definitiva das neuroses nasais e das menstruações dolorosas (dismenorréias), somente poderia vir de uma intervenção cirúrgica no nariz, para *remoção do osso da concha nasal médio esquerdo, no seu terço frontal*. — Garantiu que neste caso os resultados seriam fantásticos, como aquele que ele mesmo alcançara no socorro

"... de uma paciente que me havia sido confiada pela Clínica Real Ginecológica devido a um sangramento uterino abundante. Todos os métodos ginecológicos haviam fracassado no seu caso. No exato momento em que removi o osso da concha nasal médio esquerdo hipertrófico (superdesenvolvido), o sangramento uterino cessou completamente." (Masson: 1984:74)

Foi por aí que Emma Eckstein (1865-1924) entrou na dança. Pois, havia mais ou menos dez anos que Freud a tratava precisamente de menstruações dolorosas e do hábito da masturbação, sem resultados decisivos. Era uma paciente bem do tipo com que Fliess se ocupara no seu livro de 1893: *"Novas Contribuições à Teoria e à Terapia da Neurose de Reflexo Nasal"* (*Neue Beitrage und Therapieder nasalen Reflexneurose*).

Os dois nem vacilaram. Ao Natal de 1894, puseram-se de acordo e, em fevereiro de 1895, já lançavam mãos à massa ou, mais propriamente, ao nariz da moça. Consumada a "cirurgia", Fliess retornou a Berlim e Freud ficou encarregado do acompanhamento da paciente, bem como, de livrá-la

do hábito da masturbação; que isto seria também imprescindível para sua cura plena, conforme entendimento do cirurgião, no caso.

A extirpação do osso da concha nasal médio esquerdo no seu terço frontal, segundo Fliess, fazia-se necessária porque a masturbação feminina provocaria uma série de alterações nos ossos das fossas nasais: às vezes na concha inferior, outras ao terço frontal da concha média esquerda. Conforme esclareceu em 1897, no seu texto sobre *“As Conexões entre o Nariz e os Órgãos Sexuais Femininos”* (*Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen*):

“Uma outra área do nariz passa por uma transformação típica como resultado da masturbação, a saber, o osso da concha nasal médio no lado esquerdo, sobretudo no seu terço frontal. Se se remove completamente esse segmento do osso da concha nasal médio no lado esquerdo, o que pode ser feito facilmente com fórceps de ossos, as dores de estômago podem ser para sempre curadas.” (Masson:1984:75)

Os fatos e as elucubrações indicavam claramente aos dois, portanto, aquilo que se precisava fazer para curar a moça definitivamente. Ainda mais que o próprio Freud já submetera seu nariz às intervenções cirúrgicas do parceiro, em cauterizações para resolver inclusive problemas cardíacos... (Jones:1989:1:312,314,335) — Nada mais seguro, foi o que ambos pensaram: questão de dias e mais um sucesso para anunciar ao mundo.

Na primeira semana após a operação, as coisas foram tidas na conta do esperado. Afinal, não se podia pretender que o nariz da moça não inchasse e sangrasse um pouco, por algum tempo... Freud somente começou a preocupar-se quando ela expeliu "uma lasca de osso do tamanho de um heller (uma moedinha)" e teve uma hemorragia cujo produto "encheu duas tigelas". (Masson:1984: 59) Na seqüência, mais ou menos aos quinze dias do ato "cirúrgico", chegavam a Berlim, notícias freudianas em nada animadoras:

"Escrevi-lhe que a inchação e as hemorragias não queriam parar, e que repentinamente um odor fétido se manifestou. (...) Dois dias depois acordaram-me de manhã — o sangramento abundante começara de novo, dor, etc. Gersuny respondeu ao telefone que não estaria disponível até a noite; então pedi a Rosannes que fosse se encontrar comigo. Encontramo-nos ao meio dia. Ainda havia um sangramento moderado pelo nariz e pela boca; o mau cheiro era muito forte. Rosannes limpou a área em volta da abertura, removeu alguns coágulos de sangue e de repente puxou algo que parecia um fio de linha, continuou a puxar e antes que nos déssemos conta, pelo menos meio metro de gaze havia sido removido da cavidade. Logo depois veio um fluxo de sangue. A paciente empalideceu,

seus olhos se esbugalharam e ela perdeu o pulso. Imediatamente após, porém, ele novamente tamponou a cavidade com gaze embebida em iodofórmio e a hemorragia cessou. Durou meio minuto, mais foi o suficiente para deixar a pobre criatura irreconhecível...” (Masson:1984:62)

Durante um mês ou mais, *Emma Eckstein* esteve sob os cuidados de Ignaz Rosanes (1857-1922), que fora colega de Freud no colégio e dirigia o Stephaniespital em Viena; bem como de Robert Gersuny (1844-1924), igualmente diretor de hospital: o Rudolf Inerhaus, inaugurado em 1882. (Masson:1984:192) As hemorragias se repetiam. Pareciam provir de uma grande veia. Chegaram a pensar na artéria carótida, até que conseguiram o estancamento, graças a mais dois especialistas: Gessembauer e Weil. Apenas aos 20 de abril de 1895, é que Freud pode escrever a Fliess, aliviado e aliviando-o, ao passar notícias de que a situação estava sob controle.

"Havia um grande sangramento como se fosse da artéria carótida; em meio minuto ela teria se esvaído em sangue. Agora, porém, ela está indo melhor; o tamponamento foi removido gradual e delicadamente; não houve nenhum contratempo (Malheur); ela agora está livre de suspeitas." (Masson:1984:69)

Suspeitas, isto é, risco de óbito. Porque a morte de Emma Eckstein, naquele momento, representaria uma antecipação de “solução final” para aquele judeu filho do Sr. Jacob. O Ministério da Educação estava de olho nele desde o episódio da cocaína, quando o fizeram prestar esclarecimentos à polícia, antes de conceder-lhe o título de professor particular. (Jones:1989:1:84) A comunidade médica também se mantinha atenta às aventuras terapêuticas dele, não lhe garantindo mais do que amigos incertos e inimigos certos.

Logo que a canoa começou a fazer água, Fliess tentou pular fora dela. Ficou furioso ao tomar conhecimento da situação da paciente e, muito mais, ao saber da intervenção dos especialistas vienenses. Exigiu que Freud obtivesse junto a eles uma declaração isentando-o de qualquer responsabilidade no caso. Também não aceitou de forma alguma, convir com o parceiro em debitar as ocorrências na conta de acidentes de trabalho a que todos os cirurgiões, mesmo os melhores, estariam sujeitos. Não lhe foram suficientes as considerações consolatórias e cúmplices de Freud:

“Você se saiu tão bem quanto possível. O rompimento da gaze com iodofórmio continua a ser um desses acidentes que acontecem aos cirurgiões mais sérios e bem sucedidos como você sabe pela história da anestesia em sua pequena cunhada e o adenótomo (instrumento para remoção das adenóides) quebrado. Gersuny disse que havia tido uma

experiência semelhante e por isso passou a usar mechas com iodofórmio em vez de gaze (você se lembrará do seu próprio caso)." (Masson:1984:63)

O filho do Sr. Jacob já se dava ao empenho para salvar a relação com seu "parceiro irresistível". Mas, essas emendas com remissões à vida pregressa do "cirurgião" só poderiam sair muito piores do que os sonetos precedentes. Aquela alusão ao "acidente com a pequena cunhada" deve ter tido o efeito de comentários sobre corda na casa de enforcado. Pois, nos desatinos anteriores, em não vendo mais possibilidade de recuperação para Emma, Freud pegara firme no pé do parceiro daquela "folie à deux": deixando inclusive transparecer a disposição de um "diffidatio". Salientar depois, que "Evidentemente, ninguém está culpando você...", batia de frente na declaração de que

"O fato é que tínhamos sido injustos com ela; ela não era absolutamente anormal, mas um pedaço de gaze com iodofórmio é que se havia rompido quando você o removiu e ficara lá dentro durante quatorze dias, impedindo a cicatrização; por fim rasgou-se e provocou o sangramento." (Masson:1984:62)

Fliess, muito acertadamente, lera nas entrelinhas disso, que os ventos em Viena não lhe sopravam nada favoráveis e que, se a paciente chegasse a óbito, seu parceiro tentaria "soltá-lo no mato sem cachorro". Aquele assinalamento freudiano só poderia calar fundo em quem jamais suportara o confronto com a realidade dos fatos e se via enredado nas conseqüências de suas iniciativas cirúrgicas, até o pescoço. Além do que, as notícias vienenses de 20 de março, doze dias mais tarde, ainda não eram melhores:

"Em meus pensamentos, já a considero desenganada, e estou inconsolável por tê-lo envolvido e criado uma história tão aflitiva para você. Sinto também muita pena dela..." (Masson:1984:66/7)

As cartas de Freud, pelos seus tons, já pediam que Fliess as lesse no horizonte da relação amorosa dos dois, tendo como fundo as preocupações sempre zelosas do parceiro, no sentido de poupá-lo. Ele também poderia fazer certo abatimento por conta da insegurança, da dependência afetiva e intelectual, da fragilidade visível do vienense. Mas, isto era muito pouco. Agora, quanto nunca, precisava apegar-se à numerologia como "depositum fidei". Somente ela poderia salvá-lo, mediante a identificação das "leis astrológicas", que vinham pregando aquela peça em todos. "Se a natureza houvesse marcado a data da morte de Emma, ninguém poderia ser responsabilizado", pensava ele, obviamente. Foi o que Masson também observou: ***"Exatamente como haveria de acontecer no caso de Emma Eckstein (...), a reação imediata de Fliess à hemorragia foi buscar uma explicação em termos de 28 e 23, e não em termos do que ele havia feito à paciente."*** (Masson:1984:93)

Essa providência contradiria todos os relatos detalhados de Freud e sua concessão às ocorrências objetivas, sempre implícitas ou expressas, às vezes. Mas, ele comungava da Numerologia com o parceiro. Vivia registrando as datas das menstruações de sua mulher, dos acontecimentos em sua família, de todos os fatos de sua vida pessoal, para submetê-las à interpretação de Fliess. Sempre estivera envolvido com o ocultismo, a que chamava de "misticismo especificamente judaico", e se sentia perseguido por "cifras proféticas". (Gay:1989:69) — As mãos e as luvas pareciam juntar-se a favor de Fliess.

Tudo lhes recomendava a interpretação numerológica, e ela iria prevalecer, por fim. Mas, de um modo travesso, que deixaria o berlinense furioso, mesmo com a recuperação de Emma, criando a possibilidade de os ditos ficarem por não-ditos e os fatos por não-acontecidos. — Somente enquanto não concebesse coisa mais lucrativa para si, Freud concordaria com o parceiro de Berlim, como fez na carta de 26 de abril de 1895: "**Antes de mais nada, Eckstein. Serei capaz de provar que você tinha razão, que seus episódios de sangramento eram histéricos, eram ocasionados pelo desejo, e provavelmente ocorriam nos momentos sexualmente pertinentes...**" (Masson:1984:95)

Aquele meio metro de fio de gaze, aquele pedaço de osso do tamanho de uma moedinha, aquelas duas tigelas, aquelas hemorragias quase fatais tantas vezes, aquele cheiro do nariz; todas aquelas ocorrências objetivas, enfim, seriam convertidas em símbolos, mensagens por interpretar, manifestações de forças estranhas que se moviam noutros lugares; — **os transe cruciais de Eckstein iriam compor um caso de conversão histérica, por sugestão e insistência de Fliess.** — Mas, o filho do Sr. Jacob, cuidaria dos seus interesses pessoais em primeiro lugar, sacando astutamente contra seu parceiro de tantos e tão louvados "congressos somente a dois."

"Dados os trâmites por findos", como nos diria Vinicius em "O Dia da Criação", — **Freud passaria uma rasteira em seu parceiro, que seria letal ao caso dos dois; mas, iria deixá-lo com o mapa da mina nas mãos.** — A explicação "científica" para os padecimentos de Emma não viria de cálculos com as dezenas 28 e 23, embora ao apanágio da mesma metodologia de interpretação e à luz do mesmo princípio da Neurose de Reflexo Nasal. — **Ao invés de enviar ao parceiro as tais datas significativas, solicitadas por ele com insistência inequívoca, — o filho do Sr. Jacob cuidou de substituir os números por símbolos e os cálculos aritméticos por articulações conceituais ou puramente lógicas, convertendo a Numerologia na Psicanálise.** Aos 04 de maio de 1895,

deixou isso expresso ao parceiro e, por consequência a todos nós, explicando que a moça:

"Descreveu uma cena dos quinze anos de idade, quando repentinamente começou a sangrar pelo nariz ao ter o desejo de ser tratada por um certo médico jovem que estava presente (e que também aparecia no sonho). (...) Depois, no sanatório, passou a se sentir inquieta durante a noite por causa de um desejo inconsciente de me induzir a ir lá, e como não vim durante a noite, reavivou os sangramentos, como um meio infalível de despertar de novo a minha afeição." (Masson:1984:95).

O *Outro de Berlim* sentiu seu tapete puxado e ficou furioso, que não era para menos. Voltou a insistir quanto ao levantamento das tais datas significativas da vida de Emma Eckstein. Queria montar sua explicação numerológica tão engenhosa quanto aquela que providenciara para a morte de sua "única irmã"; e continuar pai da criança ou interpretação do caso de Emma, cuja intuição arquetônica lhe pertencia de fato e de direito, afinal. — Mas, era tarde. Teria de arranjar-se com a resposta evasiva que lhe viria de Viena, somente um mês depois da sua insistência. Precisamente em 04-06-1895, Freud lhe escrevia finalmente:

"As datas significativas de Eckstein infelizmente não podem ser obtidas porque não foram registradas no sanatório. Sua história se tornando ainda mais clara; não há nenhuma dúvida de que suas hemorragias eram devidas a desejos; teve vários incidentes semelhantes, entre eles simulações verdadeiras (diretas), na sua infância. A propósito, está passando maravilhosamente bem." (Masson:1984:96)

Era uma mensagem de "cala essa boca". Aquele "*passando maravilhosamente bem,*" dizia que: — "se a tempestade passara sem que o barco fosse a pique, tanto faria louvar Santa Bárbara ou festejar o inventor dos pára-raios". Esperto e experimentado em apropriar-se do intelectual alheio, o filho do Sr. Jacob assim escondia o trunfo em suas mangas, de onde o haveria de tirar logo depois, para impressionar o mundo e convertê-lo em dinheiro ou fortuna imperial. (Cesarotto: 1989:29) A Numerologia do berlinense seria travestida em técnica pra a interpretação de sonhos.

"Enquanto Fliess usou uma série de transformações aritméticas para mudar seus números-chave 23 e 28 para um número que ele precisava para provar a correção da fórmula, Freud fez malabarismos com símbolos de uma maneira semelhante, de modo a poder-se interpretar até mesmo os sonhos mais nitidamente frustrantes, trágicos ou pessimistas como uma satisfação secreta de algum desejo do sonhador." (Webster: 1999: 246)

A Psicanálise se pusera em marcha, com sua intuição fundamental chegando às mãos do filho do Sr. Jacob, por via travessa. (Webster:1999: 256) Dali para frente, as idéias de Fliess seriam ironizadas ou ridicularizadas pelo próprio Freud, por Ernest Jones e tantos outros; para que jamais fosse identificada em seu travesti: a doutrina freudiana. (Webster: 1989: 250) Assim o berlinense iria para o acostamento e o Vienense ganharia as pistas do sucesso, até hoje.

“A teoria dos sonhos de Freud, como sua teoria do complexo de Édipo, tiveram verdadeira ressonância psicológica. Mas em ambos os casos, seria enganador aceitar a visão convencional segundo a qual suas teorias foram fruto de um processo heróico de auto-análise pelo qual Freud enfim se libertou de Fliess.” (Webster: 1989: 256)

Essa propalada aventura freudiana que, ao dizer de Peter Gay, *se converteu na menina dos olhos da mitologia psicanalítica*, (Gay: 1989: 103) não passou de um expediente muito astuto inventado pelo filho do Sr. Jacob para vender sua doutrina ao mundo, enquanto dava a volta no *parceiro* tentando salvar sua relação amorosa homossexual com ele. Um preço, porém, que não escaparia de pagar pelo resto de sua vida, como deformado para sempre ficaria o rosto de Emma Eckstein; além do quê,

Posteriormente, “hemorragias profusas” conduziram a um exame ginecológico que detectou na mulher a existência de um mioma, com necessidade de uma “histerectomia completa”. (Masson:1984:225)

O caldo entre os dois amantes entornava de vez. — O chamado *Outro de Berlim* não conseguiria jamais digerir a publicação freudiana de A Interpretação dos Sonhos, aos 1900. Em conseqüência, o corte das intimidades sexuais, nos ditos *“congressos somente a dois”* veio irrevogável da parte dele, no verão daquele ano de fechamento do século XIX. (Jones: 1: 1989: 305) Jones registrou que Fliess

“... a partir de então decidiu gradualmente retirar-se da relação, o que de fato fez. *Nunca mais se encontraram.* Freud, por outro lado, não podia acreditar que uma amizade tão valiosa tinha acabado. Por mais dois anos, continuou seu empenho para reparar as coisas, embora tivesse de reconhecer que o antigo intercâmbio “científico” (sic) nunca mais poderia ser retomado. Até mesmo propôs um ano depois que eles escrevessem um livro juntos sobre a bissexualidade; tema favorito de Fliess; ele escreveria a parte clínica e Fliess a anatômica e biológica. Mas Fliess não se deixaria seduzir; pelo contrário, suspeitou que fosse um ardil de Freud para arrancar para si um pouco de sua preciosa prioridade no assunto. Também não respondeu ao convite de Freud, em janeiro de 1902, para uma reunião.” (Jones: 1989: 1: 317)

Aquele silêncio correspondia à emissão da fatura referente à Numerologia de que o filho do Sr. Jacob lançara mão para elaborar “A Interpretação dos Sonhos,” trazendo no bojo o celebrado Complexo de Édipo bem como, de resto, toda “sua” doutrina psicanalítica, inteiramente nascida da tão proclamada e, na mesma proporção, desmentida auto-análise, incluídos seus fantásticos ditos desdobramentos ou benefícios para Freud e a humanidade. Ernest Jones, Biógrafo Oficial dos Herdeiros, como já sabemos todos nós, foi expressamente inequívoco quanto a esses aspectos.

“Em 15 de outubro de 1897, na carta que relatava importantes detalhes de sua auto-análise, Freud anunciou os dois elementos do Complexo de Édipo — amor por um dos pais e hostilidade ciumenta em relação ao outro; essa descoberta era mais do que incidental para a teoria dos sonhos, pois ilustra vividamente as raízes infantis dos desejos inconscientes que animam todos os sonhos. Ele prosseguiu explicando nessa linha o forte efeito da lenda de Édipo e também afirmou que ela subjaz ao dilema de Hamlet. Fliess, em sua resposta, não se referiu a esses assuntos, diante do que Freud foi tomado de ansiedade devido à impossibilidade (sic) de ter cometido outro equívoco e implorou uma tranquilização. (5 de novembro.)” (Jones: 1989: 1: 357)

Esse silêncio era prenúncio daquele episódio decisivo, que vimos de ver, e indicava ao vienense que o homem de Berlim não iria deixar por impune a trapaça de que já se via vítima. Freud patinaria ao longo dos três anos seguintes perante a possibilidade de publicar “A Interpretação dos Sonhos” que, no atestado de Jones, “foi completada em seus pontos essenciais no início de 1896.” (Jones: 1989: 1: 353) — Noutros

termos: *a coisa estava pronta um ano e mais antes da auto-análise*, que seria dada por todos os analistas ou biógrafos, como empreendida somente em 1897.

— Além de o mesmo Ernst Jones, noutra contradição flagrante, deixar expresso que o referido temor freudiano, bem como a coragem que seria necessária para vencê-lo, diziam respeito à inevitável ruptura do parceiro de Berlim com ele; — jamais à tão celebrada e providenciada exploração heróica de sua mente inconsciente, por parte do filho do Sr. Jacob.

“Freud não teve auxílio, ninguém que o ajudasse um mínimo que fosse no empreendimento. Pior ainda: a única coisa que o impulsionava para frente, ele deve ter percebido vagamente (por mais que tentasse ocultar isso de si próprio), só poderia resultar em profundas influências em suas relações — talvez até mesmo rompendo-as — com a única pessoa a quem ele estava muito ligado e que havia estabilizado seu equilíbrio mental. Era muita ousadia e muito risco. Que indômita coragem, tanto intelectual como moral, deve ter sido necessária. Mas ela existia.” (Jones: 1989: 1: 322)

Era uma situação de “cruz ou espada:” salvar a relação com o *Outro de Berlin* ou apropriar-se do trunfo dele, perdendo-o para sempre. Freud fez o segundo lance e ganhou na roleta da fortuna. Mas, nunca se veria livre do débito junto ao dono do cassino. Não se conformaria desplugado pelo parceiro irresistível. (Jones:1989:1: 305) Perderia a *saúde ou a cura* vindas do remédio que o berlinense lhe aplicava. (Jones: 1989: 1: 303) Na carência dos tratamentos regulares, passaria a sofrer repetidas crises “histéricas” a que os biógrafos generosamente designariam como desmaios. Por exemplo, não escapava dos tais acessos quando ia ao Park Hotel, principalmente na sala em que se dera o rompimento definitivo com Fliess. (Jones:1989: 1: 319)

Peter Gay embolou um pouco na redação a propósito disso, embora tenha relatado os mesmos fatos. (Gay: 1989: 259) O texto de Jones veio muito mais rico nos detalhes e completo, porém. Este se ocupou primeiro do livro (Wilhelm Fliess und seine Nachenntdecker) no qual o berlinense em 1905, acusou Freud de plágio grosseiro, juntamente com O. Weininger e H. Swoboda. Registrou que o filho do Sr. Jacob, “em situação muito difícil,” confessou “*ter sido influenciado por seu desejo de roubar a Fliess sua originalidade.*” (Jones: 1989: 1: 318) Depois, narrou um daqueles tantos acessos freudianos sem menor constrangimento:“... *lembro-me de ter pensado que ele estava tomando a coisa em termos muito pessoais. De súbito, para nossa consternação, ele caiu no chão desmaiado. O robusto Jung rapidamente carregou-o para um sofá na sala, onde ele logo se refez. [...] Não muito depois ele me confiou a explicação desse ataque. Em carta de 8 de dezembro escreveu-me: “Não posso esquecer que seis ou quatro anos atrás sofri de sintomas semelhantes, embora não tão intensos, na mesma sala do Park Hotel. Vi Munique pela primeira vez quando visitei Fliess durante sua doença e essa cidade parece ter adquirido uma forte conexão com minha relação com esse homem. Há uma dose de indomável sentimento homossexual na raiz da questão.”* (Jones: 1989: 1: 319)

O episódio a que se refere essa confissão de Freud ocorreu em 24 de novembro de 1912, (Jones: 1989: 1: 319) ou seja: — quinze anos após aquela dita aventura heróica de investigação da sua mente inconsciente ou da proclamada auto-análise, pela qual o mesmo homem de Viena se teria livrado fantasticamente da sua paixão homossexual por Fliess; ao realizar o ato-fundador de todas as psicanálises, com a respectiva primeira cura para garantir sua eficácia terapêutica e seu caráter científico. (Gay: 1989: 103) — Por fim, Ernest Jones, a se contradizer outra vez depois de tantas ou incontáveis, fechou aquele enredo de “Samba do Crioulo Doido,”

escrevendo que “*em virtude de uma diferença científica*”
(Jones:1989:1:314), aconteceu o rompimento entre **OS PARCEIROS**.